

Já Estou Fundido

Hermínio Duarte-Ramos
Editor de **ELECTRICIDADE**

A realidade empresarial hoje encaminha-se para dois extremos: as micro-empresas (adeus PME) e as super-empresas. As primeiras inserem-se no tradicional trabalho individual, muito ao jeito do nosso desenrascanso. O aspirador fiscal até está a dar-lhes cobertura institucional (para melhor aspirar, mesmo nos cantos e recantos), sobretudo após a campanha do «IRS obrigatório para todos». Aguardemos: a escapatória estará na constituição de micro-empresas?

As segundas são de alto calibre. O caminho da globalização a isso obriga. O anúncio da recém fundida Mota-Engil não indica outra coisa: «representando um vasto mundo empresarial, lançado em novas direcções, determina a sua participação na primeira linha dos grandes empreendedores do País para disputar com eles a liderança». Eis o objectivo declarado, a supremacia sobre a concorrência, à custa da concentração de forças do poder económico. Afinal «uma força a acompanhar», quando procura «novos desafios» confessadamente «para disputar a liderança» (*Diário de Notícias*, 2001-02-23).

Pelas micro-empresas não vale a pena tercer armas, neste momento, visto que a pulverização económica não assusta as governações. Ao contrário, as super-empresas despertam outros cuidados. São concentracionárias, facilitando a aspiração fiscal, por um lado (o lado actual, do fomento das fusões), mas pondo em risco os direitos individuais dos humanos como pessoas, por outro lado (um lado que será a outra face da sobrevivência económica). Talvez venha aí um novo conceito de liberalismo, que estabeleça mecanismos de controlo adequados à minimização dos defeitos humanos sem deixar de maximizar os lucros.

Enquanto tal não acontece limitamo-nos a constatar a evolução das coisas. E o que se passa é exactamente a concentração económica. O exemplo mais recentemente acabado no âmbito electrotécnico é o da fusão da Legrand com a Schneider Electric (3,4 mais forte nas vendas que aquela), em terras gaulesas e com repercussões óbvias noutros terrenos, como acontece em Portugal. Por alguma razão a "nossa" Schneider ampliou, à última hora, o espaço de exposição no ENDIEL

2001, de maneira a suplantar a área de exibição da Legrand (ao inverso do que é tradição). De facto, a 15 de Janeiro foi anunciada em França a geminação da Schneider com a Legrand, para «permitir aos dois industriais franceses de formar a Schneider Legrand, nº 1 mundial nos dois domínios que são a baixa tensão e os automatismos industriais» (*J3E*, nº 707, Janeiro-Feveireiro 2001).

A nova organização aparece composta por um conselho de vigilância (boa!), compreendendo os membros que formavam o conselho de administração de Schneider Electric e os três representantes das famílias fundadoras da Legrand, além de uma personalidade externa (por eles designada) para assumir a presidência; um directório é presidido pelo ex-presidente da Schneider Electric e tem a vice-presidência do presidente da Legrand. Operacionalmente, para já, as duas empresas continuam a surgir no mercado com as suas marcas, mas sujeitas a uma vontade comum de engrandecer à escala planetária. O volume de negócios atinge anualmente 4600 M na Europa (37%), 3600 M nos E.U.A. (29%), 2500 M na França (20%) e 1700 M no resto do mundo (14%).

Neste envolvimento não se percebe bem o que acontece à alemã Schneider Automation, herdeira da antiga AEG na área da automação. O mais certo é que se integre no mesmo grupo. Ou será que a coabitação com a Telemecanique não se associa à integração agora desenhada? De qualquer modo, a recente criação, no espaço alemão, de um centro de investigação e desenvolvimento sobre controlo e automação foi engenhada para inovar os produtos das várias fábricas do grupo, em interacção activa com as universidades (onde se compaginam os novos conhecimentos científicos e tecnológicos). Será que esta interessante perspectiva vai definir? Espero que não, bem pelo contrário.

Na França os ânimos estão exultantes. A racionalização da gestão e a transferência tecnológica entre as empresas (Lexel, Merlin Gerin, Modicon, Telemecanique, Square D no lado Schneider e Bticino, Ortronics, Wirewold, entre outras, pelo lado Legrand) situam-se nas estratégias mais ambiciosas do grupo: «aquisição de maior dimensão unitária»,

quer dizer, aproveitar melhor as «oportunidades de crescimento». Está claro? A intenção fundamental, inserida no espírito do tempo, reside na absorção das empresas enfraquecidas pelo isolamento do capital (da propriedade). Mas com tranquilizantes: «Não fecharemos fábricas!» Fico mais descansado.

A questão que se põe é simples: a globalização ultrapassa a internacionalização e os grandes empresários sentem-se importantes para resistir a essa onda. A primeira medida aparentemente eficaz está na construção de diques potentes, que enfrentem solidamente essas frentes incontroladas. Daí a união de esforços a nível mundial, fortalecendo grupos empresariais afins, na senda incontida da hegemonia (chamam-lhe liderança) sobre as indefesas paridades. A caminho do fim das PME. Ou, se quisermos ser optimistas, para um novo conceito de pequenas e médias empresas.

Em toda a minha vida profissional, como engenheiro electrotécnico, cerindei por várias PME, antes de assentar arraiais numa micro-empresa, onde me mantenho. Olho para o lado e observo a mesma prática liberal entre inúmeros colegas, pertencentes a várias gerações, incluindo as mais novas. De repente, desponta o agrupamento a alto nível, primeiro lá fora, e também com sinais de generalização cá dentro do nosso rectângulo. Uma perspectiva que tende a crescer nos horizontes descortináveis.

As fusões de empresas dedicadas à mesma actividade industrial já vêm de longe. Quem não se lembra da Legrand ter comprado a Sipe e a J. B. Corsino para se instalar em Portugal? Foi um salto adequado para definir a melhor "massa crítica". Os benefícios quanto à qualidade dos produtos de baixa tensão em instalações eléctricas revelaram-se com bastante fulgor. E agora? Se o objectivo fundamental for desviado, quem garante que o consumidor é que será o beneficiário? Pelo menos a médio prazo.

Para mim, tenho muita esperança na "sistémica planetária". Há muitos anos que me encontro intrinsecamente fundido nos movimentos universais, mesmo com fronteiras locais mas interactuantes no cadinho da nova alquimia societal. Quer dizer, há muito tempo que já estou fundido. **E**